

SEXO E AS NEGAS: DA FICÇÃO À REALIDADE SOB UMA PERSPECTIVA INTERSECCIONAL¹

Sex and Black Women: from fiction to reality under a intersectional perspective

Sexo y las “Negas”: de la ficción a la realidad en una perspectiva interseccional

Nelson Rosário de Sousa

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo-USP. Professor no curso de Ciências Sociais e nas pós-graduações de Sociologia e Ciência Política na Universidade Federal do Paraná – UFPR.
E-mail: nrdesouza@uol.com.br

Daniela Drummond

Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal do Paraná – UFPR.
E-mail: daniela.imprensacwb@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo o seriado Sexo e as Negas, a partir de um estudo de recepção com alguns moradores de uma comunidade. O objetivo é verificar como as pessoas interpretam as questões propostas pelo seriado, baseado na perspectiva interseccional das questões de raça e gênero. Buscamos responder como o conteúdo do seriado pode se relacionar com as questões raciais brasileiras, percebendo e analisando as relações de poder entre a mídia e a sociedade.

Palavras-chave: Série de TV; identidade de gênero, questão racial; interseccionalidade, mídia.

Abstract

This paper have like the object of study the Brazilian television series called 'Sexo e as Negas' (Sex and black women). The objective is verify how some people interpret the questions propose by the serie, based on intersectional perspective of race and gender issues. We seek to answer how the content of the series can relate to Brazilian racial issues, perceiving and analyzing the power relations between the media and society.

Keywords: TV series; Gender identity, racial issue; Intersectionality, media.

Resumen

Este trabajo tiene como objeto de estudio la serie Sexo y las Negas, a partir de un estudio de recepción con algunos habitantes de una comunidad. El objetivo es verificar cómo las personas interpretan las cuestiones propuestas por la serie, basado en la perspectiva interseccional de las cuestiones de raza y género. Buscamos responder como el contenido de la serie puede relacionarse con las cuestiones raciales brasileñas, percibiendo y analizando las relaciones de poder entre los medios y la sociedad.

Palabras-clave: Serie de TV; Identidad de género, cuestión racial; Interseccionalidad, medios de comunicación.

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no VIII Seminário Nacional de Sociologia e Política, realizado de 17 a 19 de maio de 2017, em Curitiba- PR.

O seriado

O “Sexo e as Negas” buscou manter a tradição dos seriados norte americanos propondo temas próximos ao cotidiano do seu público, neste critério, se aproxima dos folhetins brasileiros. O programa foi produzido pela Rede Globo de Televisão e exibido entre 16 de setembro e 16 de dezembro de 2014 às terças-feiras após as 23 horas. Foram 13 episódios de 35 minutos cada, numa única temporada, com média geral de audiência de 13,5 pontos; um bom índice para o horário. Foi idealizado por Miguel Falabella que escreveu o roteiro com ajuda de outros colaboradores.

Uma das características de Miguel Falabella é a ideia de rir dos pobres, ou seja, a tentativa de produzir diversão a partir de situações que envolvem as práticas culturais das classes sociais menos favorecidas, o autor também foi ator do seriado brasileiro Sai de Baixo, transmitido pela Rede Globo de entre os anos de 1996 a 2002, com um personagem com as mesmas características, debochar dos hábitos das classes sociais menos favorecidas. A inspiração para ‘Sexo e as Negas’ veio do seriado norte-americano ‘Sex and the City’, aparentemente, a ideia foi realizar uma espécie de paródia deste programa ambientado em Nova York e que tematizava com bom humor a vida afetiva e os problemas associados ao exercício da sexualidade autônoma de quatro mulheres brancas de classe média, entretanto diferente do seriado americano que as mulheres são bem sucedidas profissionalmente o seriado brasileiro acaba sendo reducionista ao tratar dos problemas das mulheres como se resumissem apenas aos homens.

O programa teve como sua principal locação uma comunidade popular do Rio de Janeiro, a Cidade Alta de Cordovil, o objetivo foi retratar a intimidade e o cotidiano de quatro mulheres afrodescendentes. O interesse em estudar o programa está na polêmica que gerou especialmente, nas redes sociais, fenômeno que se inscreve na longa trajetória de controvérsias sobre a representação estereotipada de negras e negros na televisão brasileira. Um exemplo foi a crítica feita pelo blog Blogueiras Feministas que tratava da falta de protagonismo negro, já que as primeiras cenas contam a história do nascimento de uma personagem branca, além da narração do autor Miguel Falabella, que também é branco. Diante das críticas, o autor participou de entrevistas,

e buscou rebater as acusações de que o programa reproduzia o estereótipo da ‘mulata’ sensual a serviço dos prazeres do homem branco e, portanto, tinha conteúdo racista, por isso, decidiu não escrever uma segunda temporada da série, decretando seu fim precoce (SOUZA, ALMEIDA, DRUMMOND, 2016).

Este estudo propõe olhar o seriado não a partir de seus supostos atributos essenciais, reproduzir preconceitos e estereótipos com efeitos alienantes, mas, entendendo-o como um dispositivo construído na interação com a sociedade e suas relações de força. Como produto midiático a série oferece uma boa oportunidade para observação das disputas discursivas, especialmente em torno das questões raciais e de gênero.

O contexto do seriado nos permite perceber as temáticas abordadas do ponto de vista interseccional, da dominação de gênero e de raça que compõem dois eixos em afinidade eletiva, sem que nenhum deles possa ser apontado como preponderante quanto a seus efeitos de poder. O próprio nome do programa é pejorativo, tratando as negras como “nega”, que remete a sensualização e sexualização das mulheres negras de forma negativa, característica comum das heranças culturais e do racismo brasileiro, fazendo presença a imagem da sensualidade pervertida da mulher negra submissa aos próprios desejos e ao domínio do homem branco, fruto do período de escravidão, quando muitas mulheres eram tratadas como objetos sexuais dos seus donos.

Compreendemos a interseccionalidade como o cruzamento recíproco de forças associadas à construção de pertencimentos identitários que se completam no processo de subalternização. Diferenças de: gênero, raça, classe, sexualidade, por exemplo, são mobilizadas em dispositivos que constituem subjetividades sujeitadas. (CRENSHAW, 2002; OLIVEIRA, 2010; HIRATA, 2014). A perspectiva da interseccionalidade, no entanto, busca apreender criticamente o cruzamento destas linhas identitárias e seus efeitos de sujeição.

Os temas do seriado Sexo e as Negas retomam conteúdos fundamentais da construção identitária nacional brasileira: a sensualidade da mulher negra, a sexualidade inter-racial, o embranquecimento, a mestiçagem, a democracia racial.

Este estudo tem como objetivo central verificar como alguns moradores do Jardim Independência (um bairro po-

bre), comunidade localizada em São José dos Pinhais, cidade da região metropolitana da capital paranaense Curitiba, interpretam as questões propostas pelo seriado *Sexo e as Negas* e de que forma a televisão atua como mediação entre a ficção e a realidade cotidiana dessas pessoas.

As perguntas que orientam a análise são as seguintes: O que o seriado indica sobre as interações entre mídia e sociedade? Como os membros de uma comunidade semelhante a do seriado interpretam os temas propostos? De que forma os telespectadores se reapropriam do conteúdo veiculado? A hipótese é que o público faça uma releitura das cenas baseada em suas experiências pessoais, assim não absorvendo os conteúdos de forma passiva, mas de forma crítica.

A série se propõe a tratar a vida amorosa de quatro mulheres negras. Matilde da Silva, a Tilde, vive de trabalhos esporádicos, principalmente como garçonete em recepções, Lia também vive de trabalhos freelancer. Soraia Sousa é cozinheira. Zulma dos Santos trabalha como camareira em um teatro. Tilde vive um longo e complicado namoro com Vinagre, um rapaz branco, ele a pressiona para que se casem e ela resiste. Soraia se sente feliz em exercer livremente sua sexualidade. Zulma vive num impasse entre seus relacionamentos amorosos e o desejo do pai de que ela case. Lia é separada, tem uma filha e uma neta, seu ex-marido, um homem branco, é o traficante com grande poder na comunidade.

Figura 1: As personagens Lia, Soraia, Zulma e Tilde



Fonte: Rede Globo de Televisão

Embora a série se proponha a retratar a vida das quatro mulheres negras, são dois personagens brancos que narram a história. A voz do autor Miguel Falabella aparece no início dos episódios introduzindo temas. No primeiro episódio da série ele relata a história da fundação da comunidade. No centro narrativo deste ‘mito fundador’ está outra personagem branca, Jesuína, mulher de meia idade. Ela é neta do fundador da Cidade Alta de Cordovil e tem um programa na rádio comunitária. Jesuína faz parceria com Falabella na tarefa de introduzir temas e linhas discursivas. Ela também é proprietária de um bar, espaço central na série, onde muitas conversas e eventos acontecem. Jesuína vive um caso com um moço negro mais jovem, o Big.

A representação do negro na televisão brasileira

No Brasil o debate sobre a questão racial se confunde com a formação da nação, a crença na constituição de um povo homogêneo prevaleceu sobre discursos que enfatizavam o isolamento dos afrodescendentes devido a supostas características inatas propensas a degenerescência da nação (COSTA, 2009). A argumentação da linha discursiva da identidade nacional é que a mestiçagem teria a capacidade de superar a herança inferior graças ao embranquecimento do povo. Entretanto, a própria miscigenação resulta da exploração sexual das mulheres negras escravas pelos homens brancos.

Muniz Sodré (1999) e Joel Zito Araújo (2000; 2008) são importantes referências nos estudos da representação dos afrodescendentes pela televisão brasileira, ambos denunciam a representação estereotipada de negros e negras na televisão e, particularmente, no principal gênero televisivo brasileiro, a telenovela. Mas, suas contribuições vão além, pois, eles articulam esta reflexão ao debate histórico sobre a questão racial no Brasil. O cenário está marcado por atores negros ocupando pouco espaço e em papéis menores, assistindo histórias do seu sofrimento sendo contadas da perspectiva dos senhores de engenho ou de abolicionistas brancos. Araújo (2008) afirma que o “mito da democracia racial brasileira, apesar de intensamente criticado por amplos setores da população negra, persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela”, o mito dificulta a percepção dos estereótipos dos atores negros no Brasil, além de trazer a falta de reconheci-

mento da importância desses atores para a história do país. Tal percepção é confirmada, também, por estudos recentes, como o realizado pelo GEMAA¹ (CAMPOS & al., S/D) que, a partir de extenso banco de dados sobre as novelas produzidas pela Rede Globo entre 1995 e 2014, constata a sub-representação dos negros que figuram em apenas 10% dos personagens centrais, sendo que dados de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que 53,6% da população brasileira é formada por pretos e pardos, ou seja, não existe uma representação proporcional dos negros nos programas televisivos brasileiros.

Estudos sobre os canais midiáticos como a de Rosália Diogo (2014) trazem a tona elementos que comprovam o tratamento desigual que os negros e brancos tem no Brasil, trabalhos desconstruem o mito de cordialidade entre as raças e mostra que a mídia reproduz o racismo em uma sociedade que o mascara. Entretanto, Araújo (2008) mostra que a representação dos atores negros vem passando por mudanças desde a década de 60, mesmo que sejam poucas mudanças, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de total subalternidade. As mulheres geralmente representadas como escravas ou empregadas domésticas, mas também da mulata sedutora e destruidora de famílias. As telenovelas deste período buscavam confirmar o mito da democracia racial apesar da inferioridade social dos negros e das relações paternalistas entre patrões brancos e empregadas negras, somente a partir dos anos 1980 houve uma lenta ascensão do negro na televisão brasileira, mesmo assim em um terço das telenovelas não havia nenhum personagem negro (ARAÚJO, 2008). E até 1990 poucas telenovelas falavam sobre racismo, geralmente o racismo aparecia como uma das características negativas do vilão. Essa percepção ressalta o que já afirmava Florestan Fernandes, que existe no país uma vergonha de demonstrar o próprio preconceito, o que fortalece mais um pouco o mito da democracia racial brasileira. A primeira protagonista negra ocorre somente em 2004, com a atriz Taís Araújo, na telenovela *Da cor do Pecado*, produzida pela Rede Globo.

O paradigma que aponta a invisibilidade, o estereótipo e o estigma como procedimentos padrões da mídia ao repre-

sentar mulheres e homens afrodescendentes é interessante por revelar permanências, enfim, esta perspectiva tem dificuldades em apreender as transformações e contradições, talvez, pelo justificado cuidado de não embarcar em evolucionismos ingênuos. É comum nesta perspectiva reconhecer alguma mudança na mídia, mas, circunscrevê-las a situações de exceção que confirmam a regra. Nas palavras de Rosane Borges:

... a despeito de alguma mudança a respeito da imagem do negro, existe uma matriz que se replica, um padrão que define o lugar do negro no sistema de representação. Partimos do entendimento de que os estigmas se repetem, não em termos de conteúdo, mas, de articulação. Embora não sejam invariáveis (enquanto formas constituídas na sociedade), os estigmas são invariantes (enquanto estruturas constituintes da sociedade) (BORGES, 2012, p. 188).

E mais adiante:

Os estereótipos em torno do negro e da mulher negra não seguem uma trajetória linear (do negativo para o positivo, como algumas análises insistem em sublinhar), mas, se movimentam sobre uma estrutura cíclica, em que os discursos fundadores do Outro ainda são o grande manancial para tipificação dos personagens negros e dos assuntos relacionados à África e ao Brasil negro (BORGES, 2012, p. 198).

Embora estejamos analisando um seriado nacional, o mesmo se assemelha muito às telenovelas, por isso, é válido embasar a pesquisa nos estudos sobre elencos das telenovelas. Grijó e Sousa (2012) abordam a representação do negro nas telenovelas da TV Globo no período de 2000 a 2010, analisando 53 telenovelas. Eles verificaram que entre as profissões exercidas pelos negros nas telenovelas estão, principalmente, empregada doméstica, escravo, capataz, vendedor ambulante; o que reforça a noção de estereótipo. O estudo também mostrou que em grande parte das telenovelas os negros se mantêm em papéis de empregados, favelados, bandidos e malandros; e que o imaginário de sensualidade e de erotismo exacerbado também permeou essas representações. Reafirmam a noção de que em um país multicultural e multi-étnico como o Brasil, a telenovela ao longo de sua trajetória, criou hegemonicamente a imagem de um país onde todas as diferenças convivem harmonicamente e que o con-

¹ Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas – IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

flito está atrelado a uma relação de classe. A conclusão que chegaram é que nas telenovelas da década de 2000 os negros ainda permanecem com papéis de pequeno destaque, como se tivessem cumprindo um sistema de cotas de participação e não representando cerca de metade da população brasileira.

Outras publicações também apontaram o estereótipo como padrão da mídia ao representar mulheres e homens afrodescendentes (ALAKIJA, 2012; BORGES, 2012; COSTA, 2012; FERRO, 2012). Entretanto esta perspectiva tem dificuldades em apreender as transformações e contradições, além de minimizar o papel de resistência dos contra-públicos e suas organizações. Acreditamos que essa teledramaturgia oscila e expressa às tensões das disputas sociopolíticas por reconhecimento dos negros.

Uma das análises interessantes sobre ‘Sexo e as Negas’ (CAMPOS, 2014) aponta sua ambiguidade, pois, a intenção do autor era mobilizar um olhar feminista, dando voz a mulheres negras. Contudo, o erro está em dissociar a questão de gênero da questão racial e de classe, assim, o que poderia ser visto como valorização da autonomia sexual feminina da periferia urbana, se as protagonistas fossem brancas, aparece como reforço do preconceito, pois, sendo negras e pobres as atrizes carregam consigo a marca discursiva da ‘mulata hiper-sexualizada’ disponível aos desejos dos homens brancos. Ao que nos parece, a tensão está em desnaturalizar a sexualidade da mulher submissa, mas, retomando a figura subalterna e cristalizada na sociedade brasileira da ‘mulata sensual’: amante, poligâmica e passiva diante da violência machista.

De certa forma, a representação do negro na dramaturgia brasileira desde a década de 1960 não pode ser percebida como uma história linear, há uma certa evolução, ela está marcada por avanços, recuos e rearranjos. Neste processo é possível identificar situações onde o movimento negro viu suas reivindicações serem atendidas (ARAÚJO, 2000); o que referenda a tese de que a mídia é, ao menos em parte, responsiva às mobilizações da sociedade na esfera pública (PORTO, 2012).

Midiaculturas e estudos de recepção

O referencial teórico mobilizado para embasar essa pesquisa de análise qualitativa é a ‘midiaculturas’, uma aborda-

gem dos estudos da sociologia da comunicação, que enfatiza que a mídia está em interação com as lutas e as partilhas simbólicas constitutivas da sociedade. Essa corrente francesa é inspirada nos Estudos Culturais Ingleses, perspectiva que adota uma concepção antropológica de cultura, ou seja, se abstém de hierarquizar e mensurar o consumo cultural das classes, antes opta por seguir os atores sociais nas suas disputas por reconhecimento e identidade. No que diz respeito à televisão, segundo Dominique Mehl (in Maigret, 2010, p. 217), “é uma nova forma de cultura participativa da qual os públicos se apoderam para animar os conteúdos (...)”, sendo que na democracia a televisão serve ao maior número de pessoas nas trocas cotidianas, como uma cultura do grande público, com relação à qual cada um se posiciona de uma forma, compartilhando as mesmas referências.

Macé e Maigret (2006) afirmam que as mídias de massa são um dos principais atores da esfera pública, pois o debate público não se limita mais aos parlamentares e a imprensa erudita, mas passa pela mediação e a difusão de massa das imagens e dos discursos midiáticos. As mídias de massa estão desenvolvendo suas próprias lógicas de ação. A esfera pública é vista como um espaço conflitual entre movimentos culturais hegemônicos e movimentos culturais contra-hegemônicos, sendo as midiaculturas a expressão da mediação das indústrias culturais. Essa expressão permite demonstrar a cena específica da expressão de normas e tensões de um espaço público maior.

Os estudos da ‘midiaculturas’ influenciados pelas ideias de Gramsci e de Stuart Hall com os Estudos Culturais que preferem pensar na assimetria das relações sociais menos em termos de dominação do que de poder, que segundo Michel Foucault é exercida, colocada em jogo todas as vezes que os atores são relacionados, “um poder que Foucault define como estabelecido, que ele não possui mas exerce, ou seja, que é colocado em jogo cada vez que se exerce” (MACÉ, 2006, p.6 - tradução nossa). É o que marca a passagem da concepção marxista de ideologia para a noção gramsciana de hegemonia. Os autores dos Estudos Culturais valorizam as interações sociais e a tensão entre: atualização da herança histórica e criatividade dos agentes nas práticas cotidianas. A preocupação central passa a ser o sentido que os atores

sociais produzem ao negociarem com os códigos propostos pela cultura de massa (HALL, 2006).

Para a concepção das midiaculturas existe uma assimetria das relações de poder dentro das relações sociais que podem bem conduzir aos “efeitos de dominação” (ainda que os indivíduos dominados e subalternos não se rendam por completo), entretanto existe o exercício de um poder “sem garantias” em razão do papel das contradições internas dos grupos dominantes e das resistências dos subalternos (MACÉ, 2006). Também tratam a esfera pública como um espaço constituído pelas lutas de legitimação e desqualificação que se entrega via os movimentos e contra-movimentos culturais, os autores inscritos ao seio das relações sociais assimétricas. É importante ressaltar que as pessoas não têm os mesmos recursos políticos, econômicos e simbólicos para fazer valer seu ponto de vista ou para desqualificar os pontos de vistas adversários, é o que Judith Butler chama de dimensão performativa da representação de gênero, o que faz definir como hegemônico ou subversivo. Em relação à esfera pública trata-se a mesma como uma esfera pública não igualitária e sim plural, formada por grupos sociais e pontos de vista diferentes, havendo “contra-públicos subalternos” que se constituem no seio da esfera pública em movimentos sociais contra-hegemônicos para contestar e relativizar o ponto de vista e as representações dominantes (MACÉ, 2006, p.8-9, tradução nossa).

As relações de força que perpassam o dispositivo midiático são ambíguas, tensas e contraditórias. Entre outros motivos, porque a mídia, em busca da audiência, opera a reprodução das suas fórmulas, mas, também a inovação (MORIN, 2011); ela almeja tudo representar. A mídia é mais um dispositivo do que um sistema, um dispositivo que engendra ordens discursivas plausíveis, proposições, justificativas que buscam ancorar as ações dos sujeitos rumo às estabilidades, mas, que para fazê-lo precisa, paradoxalmente, iluminar as vozes dissonantes.

Por muito tempo os estudos de comunicação estiveram voltados para o poder das mensagens e seus efeitos. Entretanto, a partir dos anos 1980 passaram a mudar de foco e estudar a recepção. Na América Latina estes estudos foram desenvolvidos por Néstor García Canclini e Jesús Martín Barbero, entre outros autores. Segundo Escosteguy e Jacks (2005) em meados dos anos 1980 as pesquisas da comunica-

ção na América Latina também apresentam nítidos sinais de mudança e, além disso, as dinâmicas culturais contribuem para a renovação teórica e metodológica do campo da comunicação. Merece destaque “um enfoque que privilegia as conexões entre comunicação e cultura e que, sobretudo, busca capturar a experiência dos sujeitos, no caso em tela, aquela referida às práticas relacionadas aos meios” (ECOSTEGUY e JACKS, 2005, p. 2).

No caso latino-americano surgem modelos de estudo próprios, já que os “importados” de outros contextos e países não conseguiam dar conta da realidade vivida nesses países, como a redemocratização desses países da América e as lutas e movimentos sociais conforme apontados por Martín Barbero. Segundo Orozco (1997) esses movimentos de estudos próprios empíricos recuperam o papel do sujeito nas suas múltiplas relações com os meios de comunicação. Assim, surgem os estudos latino-americanos de recepção. Martín Barbero (1995) classifica como quatro linhas ou “chaves” como denomina as investigações de recepção na América latina: 1. os estudos da vida cotidiana, 2. os estudos sobre consumo, 3. os estudos sobre estética e semiótica da leitura e 4. estudos sobre a história social e cultural dos gêneros.

Guillermo Orozco Gómez, baseado no modelo das mediações de Barbero, elaborou o Modelo das Múltiplas Mediações. Sua forma de investigação assume que a audiência é considerada por sujeitos que estão condicionados individual e coletivamente de acordo com a situação. Como explicam Escosteguy e Jacks (2005) o autor considera “a recepção um processo, resultante da interação receptor/ televisão/ mediações, onde as últimas entram no jogo contínuo do ato de ver TV, mas que ao mesmo tempo o extrapola” (ECOSTEGUY E JACKS, 2005, p.12). Trata a televisão também como uma mediação, como uma instituição social produtora de significados e produz reações racionais e emocionais nos receptores.

Orozco Gomez afirma que o receptor também realiza mediações de caráter psicológico, determinadas pelas mediações de caráter socioculturais, em um processo constante e dialético, são as mediações individuais, que se subdividem em cognitiva e estrutural. A mediação cognitiva está relacionada com as experiências pessoais, como valores e crenças e a mediação estrutural é constituída pela idade, sexo, religião,

escolaridade, classe social. No momento da recepção também atua a mediação situacional, ou seja, se o receptor está sozinho ou acompanhado, prestando atenção ou disperso, interagindo ou não com outros telespectadores.

Orozco considera fundamental a mediação cultural por ser a base das outras mediações, pois aí todas as informações se originam, o consumo se efetiva, o sentido é produzido e a identidade se constrói. “De forma similar, as mediações estruturais, situacionais e institucionais estão diretamente relacionadas com a cultura e as subculturas a que pertence o sujeito-receptor” (ESCOSTGUY E JACKS, 2005, p.13)

O conceito de televidência definido por Orozco (2000, p. III) como o “processo específico de interação com a TV”, para o autor é necessário entender as mediações, as fontes de mediações e os cenários por onde acontecem os processos de televidência, pois eles constituem uma parte integral de sua formação determinada, da sua explicação e da definição de audiência como sujeitos sociais. Para ele o termo recepção é insuficiente para entender a relação das audiências com os meios, já que cada meio tem um tipo de ação do receptor, no caso do rádio, jornais e televisão as formas de receber as informações são ações diferentes, assim, denomina a relação com a televisão de televidência, devido às características próprias da televisão, por isso, deve-se entender as três dimensões da TV: meio, tecnologia e instituição significante.

Propõe analisar as interações da audiência com cada uma dessas três dimensões da TV: institucionalidade, mediaticidade e tecnicidade. A institucionalidade são as determinantes ideológicas da produção midiática, relacionado com a seleção dos acontecimentos sociais captados e veiculados para informar a sociedade. A mediaticidade tem a ver com o potencial próprio que a caracteriza como meio eletrônico e como a audiência interpreta. A noção de apropriação e usos dos supertemas por exemplo. A tecnicidade faz referência ao conjunto de pautas, a tecnicidade pode explorar-se através das competências comunicativas que as audiências manifestam em sua interação e compreensão da linguagem de cada meio e sua capacidade de resposta e produção a partir do que foi percebido. Assim, o processo de televidência é composto por uma série de miniprocessos que precisa de exploração para sua adequada compreensão (OROZCO, 2000).

Jensen (1987, p.30) também faz importantes análises

tratando da recepção pela audiência, para este teórico o papel dos receptores na comunicação de massa deveria ser explicado baseado em seus repertórios social e cultural específicos: eles têm sido formados, ou formulados, no interior de comunidades de interpretação que se definem pela localização, funções sociais, tradições culturais, convenções e sentidos que as unem. Dessa forma, como explica Ribeiro (2016):

(...) as diferenças na interpretação surgem das diferenças nas suposições que estão na base das comunidades interpretativas ao invés de nas diferenças entre indivíduos. Portanto, a audiência pode ser abordada tanto por suas características pessoais quanto pelas suas formas de pertencimento sociocultural sem perder o que apresenta de comum (RIBEIRO, 2016, p.8).

Ainda trabalhando com comunidade interpretativa, Thomas Lindlof (1988), a define como “o lugar de práticas socialmente coordenadas que levanta as premissas da interpretação dos conteúdos da mídia”. Os integrantes de uma comunidade interpretativa compartilham certos sentidos e ideologias comuns que estruturam as interações da comunidade e a recepção de textos midiáticos (RIBEIRO, 2016).

A partir deste referencial desenvolvemos uma análise qualitativa para tentar compreender de que forma um grupo pode compreender e analisar o conteúdo do seriado. Nosso olhar irá privilegiar as interseccionalidades entre gênero e raça, entendendo interseccionalidade como um conceito que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação (CRENSHAW, 2002).

Grupo focal

O grupo de pesquisa Midiaculturas da Universidade Federal do Paraná realizou em um domingo do mês de novembro de 2015 um grupo focal com alguns moradores do Jardim Independência, um bairro da cidade de São José dos Pinhais, cidade que pertence à região metropolitana de Curitiba-PR. Participaram do grupo 6 pessoas, para debater as questões levantadas na série “Sexo e as Negras”. Também foram feitas entrevistas individuais para saber idade, religião, renda, cor, gênero. Os nomes dos entrevistados foram

alterados para nomes fictícios. O perfil dos entrevistados foi:

1- João: homem, 29 anos, ensino médio incompleto, solteiro, renda de dois salários mínimos, sem religião, se autodeclara negro.

2- Ana: mulher, 55 anos, estudou até a quarta série, divorciada, têm quatro filhos, renda de menos de um salário mínimo, evangélica, se autodeclara parda.

3- Maria: mulher, 34 anos, estudou até a oitava série. Recebe bolsa família. Evangélica. Se autodeclara preta.

4- Antônio: homem, casado, 30 anos, ensino médio incompleto, sem religião, profissão encarregado de obras. Se autodeclara negro.

5- Vera: 29 anos, estudou até a quinta série, tem oito filhos, casada. Se autodeclara negra.

6- Joana: 16 anos, estudante. Se autodeclara parda.

Para introduzir o debate do grupo focal foi passado um vídeo com algumas cenas do seriado analisado com 20 minutos de duração, o debate foi conduzido pela aluna de psicologia da Universidade Federal do Paraná Karen Alves, os participantes já conheciam o seriado. O primeiro assunto levantado pelo grupo focal foi do que a série representa a realidade. O tema retrata bem o racismo velado do Brasil, no qual os negros são perseguidos e tratados como bandidos ao entrarem em lojas para fazerem compras. A primeira cena selecionada é do episódio que fala sobre transporte e mobilidade urbana, as quatro moças vão a uma loja de carros usados e pretendem comprar um veículo com 2.800 reais. O vendedor se nega a atendê-las e só o faz após muita insistência, Zulma faz o seguinte comentário: “quatro pretas dentro de uma lata velha, vamos ser paradas em tudo quanto é blitz”. Zulma pergunta para o vendedor o que elas podem comprar com o valor que têm disponível, ele diz: “um burro”.

A segunda cena é de Leonor, a patroa de Zulma, que pede para ela guardar uma pulseira que ganhou de um outro homem e não do engenheiro que foi encontra-la. Zulma diz que não pode sair por aí com uma pulseira dessas. O co-

mentário da patroa branca é: “E você acha que no seu braço alguém irá achar que é de verdade, Zulma...”.

Outra cena selecionada mostra as protagonistas indo fazer compras em uma loja de grife. Quando elas já estavam de saída Soraia flerta com um dos dois seguranças que são negros. Um deles as acusa de furtarem o vestido que levaram para o provador. Tilde se enfurece e chama os seguranças de capitães do mato. Diante da surpresa das amigas ela explica que este personagem negro do passado trabalhava para os senhores de escravos perseguindo e capturando os negros que fugiam. Elas chamam a polícia e o caso acaba na delegacia. A cena tem o tom de denúncia contra o que foi chamado de ‘preconceito’ e não diretamente de racismo. Na sequência da cena aparecem depoimentos de vários personagens, negros, mas, também brancos, denunciando diferentes tipos de preconceitos que já sofreram. Um rapaz negro, por exemplo, diz que sofre preconceito manifesto na brincadeira dos amigos, pelo fato de ele gostar de mulheres mais velhas.

Soraia, achando que o segurança está paquerando ela, aborda-o e entrega seu cartão de visitas de cozinheira oferecendo para que ele ligasse para ela. Logo o segurança pergunta onde está o vestido que ela levou para o provador e diz que vai olhar a bolsa dela. Revoltada ela diz que a peça de roupa está no provador. Muitas participantes relataram já terem passado por situações semelhantes na vida real, como o relato a seguir.

(...) seguem a gente nas lojas, no mercado também, isso é uma cena normal da gente vê. Até passou na televisão, segurança correndo atrás das pessoas por causa da cor. Além de ser morena acham que a gente é ladrão, já nasce com a máscara no rosto.” (Maria — grupo focal).

Ana disse: “Eles acham que gente de cor não tem dinheiro, se tem dinheiro não é confiável”. Joana completou que estava entrando no elevador em um prédio em um bairro nobre de Curitiba quando uma senhora moradora se negou entrar no elevador com ela. “A mulher não quis entrar no elevador comigo só porque eu tinha a cor de pele diferente da dela. Ai eu desci do elevador, fui pelo elevador de serviço e ela pelo elevador normal.” Neste caso as mulheres se sentiram representadas na cena da loja de roupas. Algumas até falaram evitar frequentar shoppings por se sentirem mal ao

serem “seguidas” por seguranças. Vera diz que “a cena que mais representa nós mulheres é das quatro em loja chique”.

Outra questão debatida foi em relação ao alisamento de cabelos afro, já que em uma das cenas uma cabelereira branca, Gaudéria, atende Joice, uma personagem que feriu o couro cabeludo tentando alisar o cabelo afro com soda cáustica. A cabelereira ri muito da situação e manda Joice ir procurar um médico.

“Isso já aconteceu comigo, não com soda cáustica, mas por causa de tinta mesmo. Eu tenho uma parente que deixou ela e a menina careca. Ela passava essas coisas de alisar o cabelo. Ela comprou uma tinta alisante e alisou o cabelo dela e da filha e caiu todo o cabelo delas. (Ana – grupo focal)”

Perguntamos por que elas acham que as mulheres negras alisam os cabelos. Surge o debate:

Ana: “Algumas pessoas querem ser diferentes.”

Maria: “Outras porque o cabelo crespo é mais difícil de pentear, outras porque não gostam do cabelo cacheado, mas eu amo meu cabelo cacheado.”

Vera: “a maior influência de alisar o cabelo é para ficar mais fácil para cuidar.”

Joana: “O que eu gasto com progressiva. Tô vacinada.

Entrevistadora 1: Porque você alisa?

Joana: para alisar mesmo.

Percebemos que o debate gera uma reapropriação dos significados. Algumas questionam o fato de não se aceitarem com cabelo crespo, outras dizem que o alisamento facilita para cuidar e pentear, em nenhum momento falam sobre perder a identidade de mulheres negras ou pardas por alisarem o cabelo.

Também se debateu a questão da representatividade das mulheres negras em relação à profissão. Merecem destaques as seguintes falas:

Eu não gostei no seriado que não representou nenhuma sendo médica, nenhuma tendo doutorado, nenhuma tendo faculdade, (...) Eu achei isso ruim, hoje tem negros que são advogados, médicos, modelos, atrizes. Inclusive teve uma atriz que sofreu injúria racial pela internet e saiu até na TV. (...) ela não criti-

cou nada na internet, simplesmente denunciou.” (Joana – grupo focal).

A senhora mais velha que participava da conversa, Ana, uma das que mais falavam reclamou da falta de protagonistas negras nos programas de televisão, dizendo que na maioria das vezes as negras são representadas como cozinheiras e domésticas. “As mulheres negras tem inteligência, beleza, não sabem apenas fazer o trabalho de casa”.

O casamento inter-racial também foi tratado na conversa, já que em várias cenas aparecem negros se relacionando com brancos. Quase todas relataram que esse tipo de relacionamento é sempre vítima de preconceito. “Ou ela ou ele vão sofrer preconceito”, disse Vera. Ana afirmou que “tem gente que casa (com negro) porque gosta daquela mulher e às vezes eles vão sofrer a vida inteira com a família”. João se pronunciou: “Minha irmã falou que quer casar com um homem branco para que os filhos dela não tenham as mesmas dificuldades que ela. É complicado. E realmente ela casou com uma pessoa bem mais clara que ela”. As mulheres também relataram o fato de serem tratadas como objetos sexuais. Uma das falas mais fortes foi de Ana:

Já vi gente achar que pessoa de cor é só para aproveitação. (...) Tem gente que vê os peitos, vê a bunda, não vê a mulher da cintura para cima. É a realidade. E isso é mais comum com a pessoa de cor. Até homem casado. Eu estava na rua para procurar trabalho e me perguntaram quanto eu estava cobrando”. (Ana – grupo focal)

Novamente mais três mulheres se pronunciaram relatando assédio e associando isso ao fato de serem negras. Uma das falas mais fortes em relação a ser mulher negra veio da moça mais jovem, Joana, que afirmou: “tem gente que acha que ainda estamos na época da escravidão, que usávamos roupas rasgadas e éramos tratados como lixo. Não estamos mais na época da escravidão”.

Considerações finais

Percebeu-se uma visão crítica da audiência e uma relação com os programas e a televisão expressados de diversas maneiras, como sugere a bibliografia das mídiaculturas, além de

um jogo interativo e não dicotômico em relação à recepção do conteúdo.

O debate e a discussão sobre o que é apresentado pela televisão gera novas e diferentes interpretações, havendo uma pluralidade de agentes em disputa pela hegemonia. Além da relação simbólica do telespectador por meio do imaginário e da memória, inicialmente existe o contato físico com o meio (televisão), mas posteriormente transforma-se em simbólico e essa relação simbólica é muito forte nos países latino-americanos e também no Brasil.

A pesquisa de campo em uma comunidade onde parte das moradias eram em áreas de ocupações, muitas casas do bairro não possuíam saneamento básico, água encanada e esgoto, luz elétrica regulamentada, sendo que muitas casas utilizam o que chama-se no Brasil de “gato” que é a ligação irregular nos postes para obter energia elétrica e poder ligar eletrodomésticos como a televisão. Em praticamente todas as casas havia um televisor.

Percebeu-se a capacidade dos telespectadores em fazerem apropriações e reapropriações como no caso da jovem que questiona a profissão das personagens negras da série analisada “Sexo e as Negras”, ou ainda em relação ao relacionamento inter-racial, a questão do alisamento do cabelo afro e mesmo as situações de racismo, preconceito e machismo que as mulheres vivem no dia a dia e dizem se identificar com as cenas do seriado. As percepções e interações do público ocorrem por meio da mobilização de suas referências culturais e discursivas, como foi percebido nos casos de identificação com as questões de racismo e machismo mostradas nas cenas do seriado, ou mesmo nas rejeições do que consideram fictício ou irreal.

Referências

- ALAKIJA, Ana (2012). “Mídia e identidade negra”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, pp. 106-151.
- ARAÚJO, Joel Zito (2000). *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC.
- ARAÚJO, Joel Zito (2008). O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira, *Revista Estudos Feministas*, vol.16, n.3, (979 – 985).
- BORGES, Roberto Carlos da Silva (2012). “Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negras”. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (edição). *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, (178-203).
- CAMPOS, Luiz Augusto (2014). As “negas” in the city? Paroxismo de uma importação dramaturgica, O blog do Démodé, Disponível em: < <https://medium.com/@demode/as-negas-in-the-city-paroxismo-de-uma-importa%C3%A7%C3%A3o-dramat%C3%BArgica-829d1354f7a> > Acesso em 18 de junho de 2017.
- CAMPOS, Luiz Augusto; CANDIDO, Marcial Rangel; FERES Jr, João. Infográfico – Raça e Gênero nas Novelas dos Últimos 20 anos. Gemaa – Grupos de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa – IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Disponível em < <http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/> > Acesso em 18 de junho de 2017.
- COSTA, Rosely. Gomes (2009). *Mestiçagem, racialização e gênero*. Sociologias, Edição 21, Porto Alegre 21 (94-120).
- COSTA, Kátia Regina Rebelo. (2012). “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (edição). *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, (178-203).
- CRENSHAW, Kimberlé (2002). “Documento para o encontro de especialistas em aspetos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Estudos Feministas* (1): (171- 188).
- DIOGO, Rosália (2014). *Mídia e Racismo. Ensaios*. Belo Horizonte. Mazza Edições.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda (2005). *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores.

FERRO, R. "O negro sem cor no telejornalismo brasileiro". In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). *Mídia e Racismo*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília- DF: ABPN, pp. 64-83, 2012.

HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

HIRATA, Helena (2014). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Revista Tempo Social* 26, (61-73).

JENSEN, Klaus Bruhn (1987). *Qualitative Audience Research: Toward an Integrative Approach to Reception*. *Critical Studies in Mass Communication*, Vol. 4, nº 1, march (21-36).

JENSEN, Klaus Bruhn (1990). *Television Futures: A Social Action Methodology for Studying Interpretive Communities*. *Critical Studies in Mass Communication*, vol. 7, June (129-146).

LINDLOF, Thomas (1988). *Natural audiences: qualitative research of media uses and effects*. Nonwood, New Jersey: Ablex Publishing Company, 1987. In: BECKER, Howard, McCALL, Michal M. (eds.). *Symholic Interaction and Cultural Studies*. Chicago: The University of Chicago Press.

MACÉ, Éric (2006). *Les imaginaires médiatiques: une sociologie postcritique des médias*. Paris: Éditions Amsterdam.

MACÉ, Éric (2006). *Penser les médiacultures. Nouvelles pratiques et nouvelles approches de la représentation du monde*. «Mouvements et contre-mouvements culturels dans la sphère publique et les médiacultures». Paris: Armand Colin.

MAIGRET, Éric (2010). *Sociologia da comunicação e das mídias*. São Paulo: Editora Senac.

MARTÍN-BARBERO, Jesus (1995). *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense (1 edição).

MORIN, Edgar (2011). *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo volume 1: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

OLIVEIRA, João Manuel de (2010). "Os feminismos habitam espaços hifenizados: a localização e interseccionalidade dos saberes feministas." *Ex aequo* 22 (25 – 39).

OROZCO-GOMEZ, Guillermo (1994). *Televidencias: perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva*. *Recepción Televisiva Y Mediaciones* (69-88). México: Universidad Iberoamericana.

OROZCO-GOMEZ, Guillermo (1997). *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. Guadalajara, Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario.

PORTO, Mauro (2012). *Media Power and Democratization in Brazil: TV Globo*

and the Dilemmas of Political Accountability. New York/ London: Routledge.

RIBEIRO, Regiane Regina (2016). *O FANDOM E SEU POTENCIAL COMO COMUNIDADE INTERPRETATIVA: uma discussão teórico - metodológica para os Estudos de Recepção*. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-s2016comautoria_3437.pdf > Acesso em 16 de junho de 2017.

SODRÉ, Muniz (1999). *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

SOUZA, Nelson. Rosário; Almeida, Virítiana Aparecida; DRUMMOND, Daniela Rocha (2016). Poder e resistência: as disputas discursivas por identidade no seriado 'Sexo e as Negas'. In: 40º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu – MG, v. 1. (1-30). Disponível em: < <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8> > Acesso em 16 de junho de 2017.

Outras publicações do autor

SOUZA, Nelson Rosário (2016). Poder e Comunicação. In: Renato Monseff Perissinotto; Gustavo Biscaia de Lacerda; José Leon Szwako. (Org.). Curso livre de teoria política: normatividade e empiria. 1ed. Curitiba: Editora Appris, v. 1, 154 páginas.

SOUZA, Nelson Rosário de (2017). Repensando a mídia e a cultura: novos olhares sociológicos. In: Regiane Ribeiro. (Org.). Jovens, Consumo e Convergência Midiática. 1ed. Curitiba: Editora UFPR, v. 1, 155 páginas.

SOUZA, Nelson Rosário de (2014). Media and democracy: a plural approach. *Brazilian Political Science Review*, v. 8, (138-149).

SOUZA, N. R. de, ALMEIDA, V. A. de, DRUMMOND, D. R. "Poder, resistência e interseccionalidade: as disputas discursivas por identidade no seriado brasileiro 'Sexo e as Negas'". *Ex aequo* (35): 65-82. 2017.

Autora

SOUZA, Nelson Rosário de; Almeida, Virítiana Aparecida ; DRUMMOND, Daniela Rocha; SOUZA, Natália Luiza de (2017). INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA: as disputas discursivas no seriado 'Sexo e as Negas'. In: Anais VII Congresso Compolítica. Porto Alegre.

DRUMMOND, Daniela Rocha (2017). Sexo e as Negas: da ficção à realidade. VIII Seminário de Sociologia e Política. Curitiba PR.

SOUZA, Nelson Rosário de; Almeida, Virítiana Aparecida ; DRUMMOND, Daniela Rocha (2016). Poder e resistência: as disputas discursivas por identidade no seriado 'Sexo e as Negas'. In: 40º Encontro Anual da Anpocs, 2016, Caxambu MG. Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, v. 1. (1-30).

DRUMMOND, Daniela R.; PELLIZZARO, Anne Caroline ; ALVES, Laura Rosalia Sloboda (2013). Presença do tema campanha eleitoral para a prefeitura de Curitiba nas primeiras páginas dos jornais locais: um estudo comparativo. *Agenda Política*, v. 1, (128-151)